

JOSÉ MARIA ALVES

POESIA DISPERSA

WWW.HOMEOESP.ORG

Ao longo dos anos, nalguns momentos, fui escrevendo alguns poemas.

A maior parte foi destruída. Nunca considerei a sua utilidade. Por outro lado, duvidei sempre da minha capacidade de produzir obra poética.

Alguns ficaram no fundo de gavetas e pastas, esquecidos.

São esses, antigos e recentes, que constam desta colectânea, sem qualquer ordenação cronológica, e sem que tivesse cedido à tentação de os “aperfeiçoar”.

A poesia é como a pintura e a música, actividade cujo exercício não deve ser negado a ninguém.

É expressão experimental ou não, manifestação de estados de espírito e mundividências, que por si só têm a sua existência justificada.

Se lidos, que sejam conservados ou meramente rejeitados.

José Maria Alves

Outubro de 2007

É de Ti que venho
Para Ti vou
És Tu que eu sou.

Sinto hoje um alvoroço
Incómodo, desajeitado, no meu rebanho.
Pulam as cabras, saltam ovelhas
E os cães desatentos.
Não lhes cheira a lobo,
Que os não vejo há anos.
Será que o olfacto os ilude ou engana?!
O meu rebanho são os meus pensamentos
Com cães imprestáveis para os guardar.
Devia guardá-los eternamente
Num alforge seguro e de quando em vez
Tirar um, para saber que sou capaz
De pensar o pensado,
De reflectir o reflectido,
E depois dormir com o saco ao lado,
Não o deixando fugir,
Não vá alguém de má fé
Lembrar-se de mo abrir.

Antes queria estar altivo,
No alto, na serra,
Esquadrinhar a terra,
Falar de bichos aos bichos,
Beijar as árvores, as faias,
Sentir as nuvens no rosto,
Pisar os cachos, fazer mosto.

Uma só erva, uma só,
Contém o amor, a verdade
Da humanidade inteira.
E as pedras como são belas!
Apaixonei-me por vós
E com que paixão, força,
Tensão íntima a ganhar volume,
Intensidade, gozo e vaidade.

Disse ao milhafre o que não vos posso dizer,
Ciúme de pobre mortal acorrentado ao chão,
Ao rebanho para repousar na sombra do castanheiro
Não vá o Sol ensandecer
E ao pastor que toque a flauta,
Sempre, sempre, que quero adormecer.

A melodia ouve-se ao longe a perder de vista.
A vista também ouve e o ouvido vê.
A gente foge do medo, mas volta ao entardecer,
Não vá a noite levar-nos em aventura.
Misericórdia, Deus da Montanha,
Misericórdia e piedade,
Arrasta-me desta colina,
Afugenta-me esta saudade.

Já não amo ninguém.
Que dor e maldade para os animais de duas patas.
Nem sequer a Santíssima Trindade.
Blasfémia, tentação do Demo.
Vá de retro Satanás, cruces, canhoto,
Besta impaciente,
Que o menino está embruxado,
Quedou doente.

São dores que sinto
Trémulo e melancólico
Sem saber o que faço
O que quero.
Apenas mudar.
Ser
Como quem vive
Viver como quem é
Amar sem saber
Morrer como quem nasce.

Poiso os olhos nas montanhas
Por quem me apaixonei.
Sinto uma inquietude essencial
Lenta agonia sem lei ou
Angústia existencial.
Busco a paz dos ápices
Das pedras e árvores
Dos ventos e pinheirais
Das aves nos beirais
Para ser o que sou
Sem mais.

Quando as luzes se apagam
Meu corpo estremece
E a angústia do nada impede-me adormecer.
Querem-me acordado,
Momentos que não são breves na noite lenta e quieta.
Para quê?
Porque é que não posso morrer por instantes
Para logo após renascer?
Morrer para amar,
Morrer para viver,
Ficar por momentos cego, surdo e mudo,
Sem tormento, sem dor,
Sentir o sono profundo de quem vai falecer
E desperta com o sangue novo e inocente de um rio,
De uma árvore,
Do céu,
Do mar,
Duma flor.

Que angústia é esta que me domina
Que sopro de ânsia me consome?
Que saudade me envolve
Que tristeza me contamina?
Neste quarto de invernã é ausência que sinto
Do cheiro da urze e da visão do cume.

Nem uma aragem
Para lá da minha janela
E eu olho quase sem ver.
Anoitece a serra de contornos sublimes.
Uma nuvem negra descansa em Alfátima
Enquanto os luzeiros da aldeia se acendem
E inerte está a folhagem que resta
Num universo que sinto meu.

Fenece o dia.
Floresce a noite
Com suavidade e beleza.
Escrevo como o pássaro
Que canta sem desejos
Como o rio que corre no seu leito
E a estrela que nasce a Oriente.
Escrevo por impulso
Ou necessidade,
Escrevo a eito
A uma qualquer hora
Do sol nascente ao poente
Do crepúsculo à aurora.
Escrevo por amor
A esta Serra que sou eu.

Indeciso estou
Agitado fico
Sem saber que bem ou mal
Poderá ocorrer.
Sufoca-me a existência
O pensamento
Esta eterna doença
Que me abraça
Exaure
E oprime.
Dor que sofre
Dor que vibra
Dor que consome e mata
Em vida.

Não te possuo quando te quero ter
Nem depois de te ter tido
Ou enquanto em vão te tenho.
Tenho-te quando não te quero
Ou pouco me importa ter-te.

Não encontro sentido
Ou aroma.
Não vislumbro horizonte
Ou rumo.
Não estou
Não ligo
Não peço
Não digo.
Chegou a Primavera
Terna
Colorida
Doce e envolvida.
Não vejo
Não cheiro
Não sinto
Não encontro
Para esta alma atormentada
Um abrigo.

Senhor,
A urze estremece
Ao vento Sul.
A pedra brilha ao sol
Matutino.
Estou só na teia
Que tece
E é tecida
Que por um momento
Me embriaga com vinho
Me seduz
Espanta
Reluz
E me faz recuar no caminho.

Quem me dera poder partir
Devagar e sozinho
De um modo lento
Natural
Devagarinho.
Içar velas ao vento
Aproar ao porvir
Rumo ao Norte
Bolina ao vento forte.
E assim
Sem penitência
Alma desnuda
Mente desfeita
Repousar na inocência
De existência muda
Que a vida dói
Sofre
Mói
E de perfeita
Nada tem.

Onde estás tu morte?
Em que recanto te escondes?
Trespasa-me com a tua vara
Para que possa dormir no teu regaço.
O tempo passa e a tristeza fica
Tu passas e o medo morre.

Deixa-me morrer contigo
Para a vida e para a morte
Para o bem e para o mal
Para a dor e para a alegria
Para o passado e para o futuro
Para o presente do dia a dia.

Onde estás tu morte?
A quem concedes a sorte
Do infinito e da eternidade
Da beatitude sem fim?
Deixa-me morrer contigo
De amor gratuito
Como quem ceifa o trigo
E não colhe o grão
Ou lavra a terra
E não semeia pão.
Deixa-me morrer contigo
A mim que já morri.

Muda o tempo
A Lua
E a vontade.
Muda o céu
As nuvens
E a verdade.
Muda o pensamento
A tristeza
E a bondade.
Muda o rico
O pobre
E a maldade.
Mudo eu
Mudas tu
E fica a ansiedade.

Vou precisar de ti sozinha
Sem o ruído ensurdecidor dos automóveis
Que lavram a chuva no asfalto.

A água escorre lenta e presunçosa
Sem conhecer caminhos ou atalhos.
Vai, seja pela berma, pela ladeira,
Por valas abertas que alguém se esqueceu de tapar.
Corre sem parar.
Com ela vão os meus pensamentos,
Eloquência de um dia de melancolia.
Quem os não tem?

Mas, a minha é uma melancolia alegre.
Digo-lhe: deita-te perto de mim,
Não mexas demais os pés, os braços, o corpo.
Para dormir quero sossego, o da morte.
Não a final, que não tem remédio,
Que é cedo para não ver, ouvir, sentir,
E ainda tenho as peles em razoável estado de conservação;
Não pretendo entregá-las a qualquer encadernador.
Só uma obra prima merece tal couro.
Espero ainda na troca receber algum ouro,
para gastar no paraíso.

Porém, não seria melhor no inferno?!
Devem por lá estar todos os meus amigos
A jogar póquer e o truque, e talvez, com mulheres.
Afinal, no céu não conheço ninguém.

Quero-te assim a modos que calada.
Como falas criatura,

Dos governos, governantes, governados, artistas,
Saltimbancos e criados,
Do brasão gravado no tecto,
Da vizinha do 3º direito, a que se porta mal
Com o tipo do jornal e do Conde de Caxias,
Tão solene e bem cheiroso, com problemas de recto.
E há os outros que conheces,
Toda a tua desilusão, e falas, falas,
Que a ponte deveria ser lá e não cá,
Que o primeiro é um nhó nhó,
O presidente um zé-ninguém,
O rei um tatibitate
Que brinca aos papagaios nos jardins de Sintra,
Ou se o convidarem em Belém.
Acho que foi o menino Jesus que nasceu em Belém.
Não, não a dos pasteis, dos rabetas e pedófilos,
Mas uma outra que não tinha electricidade,
Saneamento básico, combóio, aeroporto e opus gay.

Naquela época os homens voavam
Quando os outros os lançavam pelas ravinas.
Eram diferentes de nós. Iguais, mas diferentes
Por serem profetas.
Um profeta verdadeiro é uma chatice;
São tudo assombrações, castigos,
Pecados, destruição do mundo.
Gosto bem mais das senhoras bonitas
Que aparecem na televisão a vender notícias do porvir:
- Quem quer notícias boas, novas, fresquinhas?
Quer casar com um príncipe, desfazer um casamento,
Orientar a irmã, sorte nos negócios, ser rica,
Não perder o filho que está no mar,
Tirar o tesão ao marido e vida à galdéria que o come?
Quer viajar, dormir com o Lampião (gabo-lhe o gosto),
Destruir a amarração,
O marido subjogado às mais hirtas normas morais,
A padecer de segura impotência,
Um curso para o menino Zé?
E a menina?
Que lhe seja permitido às escondidas
Abrir com inocência as pernas
E sorrir.

As folhas de Outono
Têm cor de fogo e mel
Enquanto as árvores
Choram ao vento
Contorcendo-se de dor.
Olho-as atento nos seus prantos
E penso como somos semelhantes
No sofrimento do fel que bebemos
Na absoluta ausência de amor.

No Outono morre-se vagorosamente.
Aguarda-se o túmulo gélido coberto de geada
E de erva fresca inocente e frágil.
No Outono lembram-se as culpas dos vivos
Desculpam-se os mortos
Rezando-se pela alma dos santos.
No Outono caem lágrimas de sangue
Nas folhas em carne viva
E nos ramos uivantes.

As folhas de Outono
Têm cor de fogo e mel
Enquanto o meu coração
Se enche de fel.

Não é poesia que escrevo.
Não se trata de um poema
Ou canção.
Quando escrevo estremeço
Lento.
Piso suave a flor
Que não vi no chão
Do caminho
Para não magoar o Deus
Que não conheço.

Houve tempos outrora
Em que o meu coração era taça plena de energia.
Hoje nada faz transbordar
Uma taça que está vazia.

Perdi o que tinha e o que sonhei, o que disse e o não dito,
A paixão dos montes, das águas cristalinas,
Do translúcido rio que em puro veio se diluir
Em céus e mares de azul infinito.

Estou solenemente acompanhado de uma solidão
Que viva e morta em cada dia, não renasce, não cria,
Nem fecunda o chão do vale verde macio
E o planalto coroado de granito.

Houve tempos outrora
Em que o meu tempo era vida.
Hoje se não é morte,
Que seja apenas agonia.

Sabe-me a mundo
O rumor da água da ribeira.
Contínua
A saltar de alma em alma,
Tão verdadeira
Que de a ver
Julgo ver a Terra inteira.

Do meu quarto apenas vejo outros quartos,
Gente sem sorriso e sem alma.
Do meu quarto igual a tantos outros
Mas diferente na diferença, vejo melancolia
Dentro e fora.
A de dentro, triste e calma como convém a quem morre
Lentamente no estio.
A de fora, real e aparente, muda e surda
Como a de um teatro vazio.

Arqueado, de mãos nos bolsos rotos
Passa um velho sem futuro,
Sem rosto, de olhos ternos e baços.
Morre-lhe o espírito, sugaram-lhe a vida,
O amor, a paixão, o filho que uma morta pariu.
Das uvas fizeram mosto,
Do comércio lucro,
Na África fortuna
E o velho já sem forças
Disse adeus e partiu.

Lembro-me dela pequena,
Magra, negra de luto à imagem do mundo,
Caminhando sem pisar
A poeira do caminho,
De olhar vivo e profundo
No abrupto e longo pesar.

Na face a beleza do granito,
No corpo o aroma do pinho,
Na voz a melodia do estorninho
A inebriar o vento
Da fraga do Barroco,
Num amar lento e seco
A perder de ver,
De quem espera a morte em segredo
Para não fazer doer

Um dia de Primavera
No crepúsculo vespertino
De um poente onde nascem as primeiras estrelas
E as giestas ainda florescem de amarelo
Enquanto o luar desponta no horizonte
Quando cansado
Olhos tristes para mais não ver
Sem nada para conhecer
Recostarei a cabeça no teu dorso
Para que a morte me leve na doçura da aragem.

De madrugada sem pensamentos
Partiremos de Assedasse
Eu de cana na mão
Tu com o nariz ao vento
Pelagem fulva a deslumbrar o sol
Galgando as curvas do rio
As águas verdes e azuis
As escarpas graníticas
As margens sedosas.

Fingirei pescar
Tu caçar
Como fizemos sempre.
Afugentarei as trutas
Assustarás coelhos e lebres
Na Serra que fala às estrelas
E que será sempre nossa
Do mesmo modo que nós dela.

No Pai Diz
Deitar-nos-emos no areão branco
Olhando com ternura as estrelas
Em irmandade aconchegados

Tão juntos que ninguém perceberá que dois somos
Aguardando a aurora
Para nos transportar nos seus raios
À Erva da Fome
Livres como só nós sabemos ser
Tu fingindo caçar
Eu pescar
Como sempre
Numa existência eterna circular
Nossa e desse lugar.

Horas mortas
Sono dos justos
Resquício de paz.
Onde estás?
Procuro-te perto
E longe.
Em mim
Em ti
No outro.
No monte de pedra
Que dorme ao vento
E ao luar.
Estou doente
Gravemente
E não sei
Nem quero
Cura.
Prefiro a dor ardente
O raio queimante
A espada
Arma rasante
A tua alma
Lisa
Macia
Pura.

As coisas não são mais que coisas
Aqueles que vejo
Ou me contam de ter visto
E imagino como são
E vejo por outrem ou mesmo por mim
No lago da eternidade
Onde estão todas menos eu
Que se de coisa me revisto
Pertencendo ao imaginário que é teu
É porque se no que existo
Sinto em ti o que é meu.

Que noite é esta
Que me arde o íntimo
Na paz das palavras
Que não digo?
Que nuvem me tolda a visão
Na miragem da libido
Que contradigo?
Que homens me esgotam
As veias carregadas de sal
Que a madrugada traz?
Quem escreve o que escrevo
Em páginas de luar
E raios de luz?
Quem me ensinou a amar
Até não mais ser capaz?
Que noite é esta?

Quando crescer
Quero cavalgar
Em pássaros de fogo,
Trespasar a lua de justiça.
Quero amar o sol
De frente
Num leito de âmbar
Com orgasmos suados
De mel e pólen.
Quero ser guerreiro
De mil almas
Vergando ao peso da minha espada
A rua que me aprisiona
E faz sofrer.

Deste sepulcro em que me encontro nascem pássaros de fogo,
Animais coloridos que voam nos céus da desesperança.
Triste sina do corpo moído, sujo na força vital da agonia
Evasiva, lúgubre, pendente
De reencarnação urgente. Estou morto, eu que vivo?!...

Mãos sulcadas, súbitas e aladas
Pelo destino, pela abóbada das Estações.

Gosto de vinho no Outono, cidra no Inverno,
Do luar de Agosto.
Aldeia minha com que sonho, música de encantar, dá-me uma
Musa para me reclinar.
Sossega na terra calma a luta dos cantos cósmicos,
Das nostalgias das alegrias crepusculares,
Do frémito das mulheres que o sabem ser em espasmos
Incontrolados, carnes audazes de videiras hasteadas.

É tarde ou cedo? Que interessa a hora da eternidade na carne
Que abismada reluz ao sol?
Que interessa ó Deus se em vós acredito? É por acreditar que
Existis? É por ter fé que em mim estais?
Se vos conheci, ficai sabendo que vos esqueci, como esqueço
Sempre tudo. Tudo e nada, grandes e pequenos,
Andarilhos e senhores.

Merda para a memória que me mata e
Estonteia, suja, desconserta, ensarilha e desnorteia.

Ficou-me o gosto de orvalho do nenúfar
E sei que a garganta se entorpece com o jasmim,
Não tanto como com o cetim que a envolve e corrompe.
Libertem-se laringes, sons orquestrais de um canto circular,
Liras de oiro fendidas por quem ninguém ousa clamar.
Vinde lentas e presunçosas, doidas airosas, esguias,
Soltas, descondicionadas, apaixonadas, livres,
Saudar o novo homem, o novo dia.

Com licença, abram-se os caminhos
Encerrem-se destinos,
Que quero amar.

Corre uma leve brisa nos mastros
Nus e em repouso dos barcos.

Olho o rio que lento desliza
Na direcção do mar.

Perde-se a vista no horizonte
Da pequena vaga em S. Julião
E amo-te em silêncio
No segredo dos oceanos,
Das nuvens e estrelas.

Quero bradar aos céus
Às criaturas e aos deuses,
Quero cantar aos ventos
Às florestas, bosques
E encantamentos,
A paixão, o amor, o alento
Que faz cessar o sofrimento.

Mas calo e consinto
Escondo e minto
Quando afinal o que sinto
É tão atroz e violento
Que só pode ser acalmado
Pela voz em perpétuo movimento.

Na tua presença
Ou ausência
Não há luto nem tristeza.
Há em ti um sorriso leve
Que acaricia o mundo
E tem nos dias a beleza
Do insondável infinito,
Permanência do absoluto.

“Não há longe nem distância”
Nem tu nem eu
Apenas Um
Que não é meu ou teu
Em que eu sou tu
E tu eu.
Amor eternamente meu
No que és
E infinitamente teu
No que sou.

Assim venho
Assim vou,
Mas por ti que sou eu
Não saio de onde estou
Não deixo de ser quem sou.

O frio do alto fez-me calçar uma luva na mão dormente.
Com a abóbada do dia a fechar-se no seio do absoluto
Olhei o tempo desconfiado de estranheza
E pensei que não é Julho ou Agosto,
Noite ou dia, mas um tempo incomensurável
Medido por um passe de alquimia.
Já não conheço as Estações, julgo ter transitado
De planeta, galáxia, universo, e fico triste
Sem movimentos, na música de água que escorre e paralisa,
Nas jornadas vegetais, vazias do granito cinza,
Escuro, puro e frio.

Percebo agora ou às vezes,
Que não é preciso amar para amar,
Basta-me olhar, olhar de ver,
Olhar sem pensar, olhar de amar.
E, então amo,
Amo como nunca ninguém amou,
A pedra,
O rio,
Um ermo,
A nuvem,
O mar e
Até gente.

Porquê desejar um
Natal feliz e contente?
Desejar não é fazer,
Intenção não é acção.
Festeja-se o que não se conhece
Nem se entende
Porque se se entendesse não se festejaria
No Natal, mas em qualquer outro dia.

Prefiro fazer os possíveis,
Só os possíveis,
Para que os dias dos outros, e os meus,
Principalmente os meus,
Sejam felizes e alegres.
Se há verdadeiramente Natal
Será certamente esse,
Não o das mensagens construídas
Na falsidade dos cartões, dos móveis e mails,
Dos beijos suados
Da monstruosa hipocrisia.

O meu Natal e só o meu
É Natal,
O vosso é pura invenção artificial
De cínicos e mercadores
Que não ouviram nunca falar
Do Jesus menino
Natural,
Humano
E verdadeiro.

Água pura
Na levada.
- Lava-me a alma!

Naveguei por mares e oceanos
Adormeci embalado pelas calmarias
Mas foi na tormenta
Que me conheci.

Não me enfureci com o vento.
Não odiei a espuma branca
Das vagas desfeitas,
Nem delas me evadi.

Capeei e ajustei as velas.

A sombra persegue-me.
De costas para o sol
Um espinho cravado na carne velha de pus.
Num qualquer lugar
Eu intuo, sinto e sei:
Brilha a luz.

É esta dor,
Este ferimento
Que me faz conceber
Não coisas nuas e novas
Mas a mim,
O meu ser,
Eu mesmo
Em cada momento.

Um novo dia floresce
Um amor termina
E uma nova árvore de liberdade
Sem raízes ou apegos
Em mim cresce.

Não me fio em mestres
Em ensinamentos, aparências,
Teorias e tradições.
Apenas confio
No espírito das acções,
Nas próprias experiências.

O coração iluminou-se
Abriram-se os portais da origem
Secaram as lágrimas
Na mente virgem.

O meu espírito compraz-se na solidão,
Na não dependência
Da ausência de desejos,
Da ambição.
E se escrevo é
Porque quero simplesmente
Estar só, ser sem mais,
Ser com tudo e todos,
Ser sem ninguém,
Ser,
Sem ser de alguém.

Sozinho ao sol.
Os raios quentes penetram a carne
E eu não penso nada.
Uma brisa percorre
Lentamente o meu corpo
E eu sei sem saber porquê
Sei que a minha alma me basta,
Sem que possua ou seja possuído,
Sem dono
Sem escravo
Sem nada.

D´Aquilo
Não digo sim nem não,
Não afirmo
Ou contradigo.
Não me atenho à aparência.
Respondo com o silêncio
E um dedo
Apontando o caminho
Sem realidade e existência.

Brincar às palavras com palavras,
Signos, sinais,
Que num conjunto imperfeito
São como todo o resto reais.
Folgedos.
Palavras que não são coisas nem seres,
Homens, mulheres, crianças, mas brinquedos.

Brinco convosco como quem brinca à beira do rio
Às pedrinhas redondas, macias, ágeis e alegres,
E no mar aos caranguejos tontos da maré vazia.
Para não estar só, não preciso de estar acompanhado,
Para não estar triste não necessito de rir,
Só quero, se querer tenho na corrida da vida,
Ir e vir, e brincar, com palavras, com gente, contigo,
Com frases, comigo.

Não sei o que digo, não me interessa
O que sou, vou ou deixo de ser, se a percepção da morte
Me dá uma pressa contínua até desfalecer.
Escrevo um amontoado de letras, de frases, de tretas,
Que a hora é de escrever.
Tanto faz o que penso – melhor seria não pensar –,
O que a mente soletra, a ingénua filosofia dita.
Escrevo palavras irreais, soltas, imparciais, fontes de estio,
Prostitutas gastas de ruelas retalhadas e sombrias.
Brinco e rebrinco, pulo no vazio,
E vou dizendo a brincar, como é sério
Este juntar de letras e frases sem pensar.

Como é que te posso
Amar apenas a ti?
O meu amor não tem senhor
Ou administrador.
É gratuito,
Indiscriminado,
Vinho derramado
Sobre a vida.

Vou-me desfazendo dos meus bens
De tantas coisas inúteis
Dos pensamentos fúteis e banais.
Perco amigos que nunca o foram.
Amantes que desconhecem o amor
Abandonam a minha vereda,
O meu vento...

Nesta solidão sobeja-me o alento.

Perco-te com dor,
Mas perco-te
Como quem ama uma virgem
Sem ousar tocar-lhe.
E se tudo pareço ter perdido
Digo:
- Resta-me a solidão da coragem
E do amor.

Indecisão,
Fim de tudo –
Princípio do nada.

Cai a noite soturna.
Soturna?! Não gosto, mas escrevo.
Cinza em lágrimas. Em lágrimas?!
Não gosto e não apago.
As palavras não florescem,
Nem germinam suavemente.
São arremessadas longe,
Levadas pelo vento que as sepulta no vale,
Na montanha, em qualquer mente.
Pequenas, grandes, com erros,
Tortas e retorcidas,
Todas servem à economia.
Produto interno bruto, líquido, resoluto.
Miséria, fome, as velhinhas de luto.
Grossas, magras, esquisitas,
De pé, deitadas,
Servem para a marmelada.
Putas velhas desdentadas, mamadas,
Senhoras finas mal fodidas, vacas ordenhadas.
Esguias, secas, aos tropeções, servem os aldrabões,
Políticos, advogados, magistrados e os ladrões.
Cai a noite em cortesia.
Até gosto.
Gosto e escrevo em letras brandas,
Delicadas, macias e alinhadas,
Como convém à humanidade, em fim de página,
Em versos de rodapé.
“Inté” mais ver, chulos e cabrões,
Que o mundo vos pertence,
É propriedade de safados e canastrões.

Vê o pássaro que voa
Em círculos rápidos e perfeitos.
Em si,
Morto o passado, a lembrança,
Retorna o voo
Novo e inocente
Como a mente de uma criança.

Espreitam-me as nuvens e espreito-as a elas.
Eu que sempre ouvi ser feio coscuvilhar, cocar donzelas.
Gosto delas nuas, meias vestidas,
Cruas, velhas, enternecidas. Sujas não, que a poluição
É mal de alma de gente crescida.
Gosto de as ver sentadas nos cumes e picos
Aguardando o silêncio branco da noite escura,
Ou descendo à planície a inundarem casais,
Tocarem de mansinho as portas dos currais e
Beijarem os cabelos alvos, desgrenhados dos pastores.

Sede bem vindas, vós que vicejais nas encostas e jardins,
Sede bem vindas vós que não tendes passado nem dores.

A pedra grande da colina
Junto da levada
Doirava ao sol
Sem lembrar
Que dia após dia, ano após ano
O mesmo sol a doirava.
Abençoada!

Hoje ri.
Não ri de nada.
Ri como quem sorri
Num adeus feliz.
Nesse sorriso, gesto de amar,
Percebi que Aquilo,
A Coisa,
Talvez Deus,
Estava junto de mim
Era meu.

Em mim
Tão perto
Que não era ele
Era eu.

Noite escura na colina.
Não a temo ou esconjuro.
Basta-me uma vela
Para as letras grandes do livro.
Acendo-a e não vejo as estrelas.
Mas, não é noite é dia.
Apago-a e vejo,
E vivo.

Chuva de Primavera.
A taça transborda
E a minha vontade
Fraca e lassa
Não a esvazia,
Não me concede
A liberdade do vazio

Os pensamentos persistem
Na nau lotada.
Sucedem-se e subsistem
Em perpétua afronta
Pelo inocente universo.

Olho-te envelhecido, imaturo,
Criança enjeitada
Que a dor não educou,
Abandonado por uma intrepidez
Naturalmente gerada,
Mas abortada.

Uma borboleta esvoaça
Ao vento forte.
Exausta poisa na proa
Lança aguçada rumo ao Norte.
Logo parte.
Antes a liberdade
À segurança.

A pomba poisou no muro –
Olhou-me,
Sorriu
E partiu.

Pássaros chilreiam no teu quintal,
Na eira, nos juncos da ribeira
E eu não sei
Se fico surdo, cego, mudo,
Como antes de minha mãe
Me entregar ao mundo,
Quando apenas quero
A vida que um animal tem.

Geada.
Campos brancos –
A dor de uma alma angustiada
Nos botões da cerejeira por florir.

A revolução.
Um povo ignorante –
Corrupção, compadrio,
Hipocrisia
E anarquia.

A era da “Tia”,
Da Caras e da Cus
De jogadores da luz.

Injuriado, vilipendiado,
O desdém da ingratidão.
O silêncio –
O doado retorna ao doador,
A flecha ao atirador.

Uma nuvem negra
No alto do mastro.
A sua água é pura
Transparente e fresca,
Imaculada,
Inocente e cristalina
Como brincadeira de criança.

A ribeira da minha aldeia
Seca no Verão.
Sem água,
É pura ilusão
De quem ver quer
O que não pode ter.

Há quem escreva versos de grãos de terra na mão.
Quando tenho terra húmida e fecunda a escorrer pelos dedos
Não escrevo versos, não penso, não me sujo ou entonteço,
Mando fornicar as palavras que conheço
E as que desconheço.

O desconhecido está invariavelmente mais ao norte, perto da
Polar, longe de Altair,
Num outro lugar frígido, túbio e imperfeito e o que resta
Dormente reside para o poente
Nos flancos da lesma esguia.

Chegou a tarde com as suas nuvens e o céu a parir raios de sol,
A aragem solitária, solidária na indiferença,
Perdulária no amor. Precisa o ventar de quem o sinte?
De sentir para amar?
Chegaram os gestos afáveis da urze e da giesta colorida.
Triste fado o de quem vê o mundo de betão,
O asfalto em correria e uma única estação num jardim sem luar
Num enredo de corpo decadente.

A beleza do céu azul
É a beleza da cor –
Incontornável.

Outono –
Silvas crescem para dentro
E eu para o meu interior.

Segurei a faca na lâmina
Cortei a alma em pedaços.
Agora seguro-a no cabo
E como o rosmaninho do pinhal,
Como o trigo do campo
Descanso na brisa matinal.

Eu também tive uma cabrinha,
Só que não era minha.
Cabras não são de ninguém: não há posse,
Não há domínio.
A propriedade é uma violência, minha, tua,
D´alguém.
Quem quer ou deseja o presídio, as correntes,
Os muros da prisão?
A cerca, que lhe tapem a visão?

Saltava nas pedras e as pedras não eram dela,
Bebia nos riachos, pastava nos lameiros de João Rancheiro,
Comia-lhe os cachos maduros,
Furtava a panela com a janta dos cães
Aos pinotes de patas no ar.
Não queria nada para além do momento,
Por isso, era dona de tachos, latas, terras, do casario,
Lamentos,
E até de mim.

O Sol queima-me o corpo,
Mas quero-o
Tanto como o sofrimento que me atormenta
E os ténues momentos de repouso
Nos espaços lentos dos dias.

É um privilégio ter vivido
Uma vida de padecimento.

Na Primavera
A percepção
Mais perfeita
Mais nítida
Amplia-se ao exterior,
Às pétalas incólumes
E rosadas
Da flor de um só dia.

Habitados a que os sirvam
Que os adulem,
Branco salteadores de negros,
E estes de si mesmos,
Escravos da perfídia
Da ambição
Do furto consentido
Da mão suja
E conspurcada.
Quereis-me igual a vós?
Não que a vossa desvergonha
Me constrange e envergonha.

Primavera –
Morro em mim
Morre o “eu”,
Renasço noutros.

Em cada um
Um pequeno pedaço,
Meu.

Exijo e não amo.
Amo como o amor ama.
Repouso no amor liberto e nascente,
Amo por amar.
Nada mais posso dizer
Nada mais para te dar.

Por quê esperar?
Para que tudo venha no seu tempo?
O que tiver que vir virá
O que tiver que ser será.
É desnecessário e inútil
Alimentar a fogueira da esperança
Que consome, devora e dilacera
O Agora.

Sete vezes cáí
Sete vezes me levantei.
Errei fazendo bem
Acertei fazendo mal
E à oitava me quedei
Nem bem nem mal.

Transportei-te na viagem.
Levo-te comigo, sempre.
Para o mar, odor de maresia,
Carrego a poesia.
Para a serra, na leveza do cume
No alforge a beleza.
E de mãos dadas com as duas
Não as busco, não me empenho,
Afinal já as tenho.

Trago comigo um bloco
Onde anoto
O que vejo e sinto
Momento a momento,
Por vezes hora a hora,
O Agora.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG